

Espaços para crianças nas feiras anarquistas

Práticas de pedagogia anarquista em Firenze, Barcelona e Londres

Rodrigo Rosa

Palavras iniciais

O presente artigo tem como objetivo apresentar à todas as pessoas interessadas em educação anarquista não-escolar, em especial mães/pais, militantes e educadoras/es, algumas das experiências pedagógicas e recreativas para crianças observadas em diferentes eventos com grande circulação de público ocorridas em algumas cidades da Europa. Destacamos as Feiras Anarquistas¹, que já são parte do calendário de atividades libertárias em muitas partes do mundo, e tornam-se cada vez mais uma vitrine através da qual a sociedade em geral pode tomar contato com o pensamento e a produção do movimento anarquista hoje. Apelaremos para uma farta quantidade de fotografias para servirem de ilustração ao nosso relato, tentando tornar mais vivas as práticas aqui descritas. Ao relatar o funcionamento dos espaços para crianças que vivenciamos torcemos para que mais indivíduos, coletivos e organizadores de eventos dêem a devida atenção ao tema, pois a presença de crianças nos meios militantes é saudável, necessária, recomendada e cada dia, inevitavelmente, mais frequente. Já nos relatou Zélia Gattai (e muitos historiadores do movimento anarcossindicalista brasileiro) que os festivais operários no início do século XX em São Paulo eram repletos

1 Existem diferentes denominações para o mesmo tipo de evento: feira do livro anarquista, feira anarquista, feira libertária, vitrine de editoras anarquistas, mostra anarquista, etc. Mas com poucas diferenças substanciais entre seus conteúdos e formatos, todos constituem-se pelas mesmas dinâmicas.

de crianças, ocupando tanto a posição de público e expectador, como atuando nos recitais de poesias, cantoras e como difusoras de panfletos ou vendedoras de jornais. A construção de uma cultura anarquista passa pela presença e inserção das novas gerações no cotidiano militante. Se não investirmos em formação das novas gerações estaremos tornando cada vez mais distantes de nós e de nossas descendências o mundo novo que tantos almejavam muito anos antes de nós e que seguimos caminhando em sua direção.

**Faça seu livro na V Vetrina
dell'editoria anarchica e libertaria
(Firenze, Itália, 2011)**

A quinta edição da *Vetrina dell'editoria anarchica e libertaria* (Vitrine editorial anarquista e libertária) que ocorre a cada dois anos na cidade de Firenze (Florença) na Itália contou com um espaço dedicado para as crianças. O *Collettivo Libertario Fiorentino*, organizadores da Vetrina, aluga um local chamado *Obihall*, um de enorme teatro e espaço para shows, novo e muito bem conservado com palco, mezanino, equipamentos de luz e áudio, além da áreas externas (à beira do rio Arno, uma paisagem bucólica) e alguns salões para palestras e reuniões. Em 2011, a Biblioteca Terra Livre esteve presente apresentando aos interes-

sados sua história e seu projeto. Muitas atividades ocorreram ao longo dos 3 dias de evento (7 a 9 de outubro): palestras, debates, lançamentos de livros, peças, exposições, videos, shows, etc.²

Do lado externo do teatro foi montada uma tenda de lona com uma estrutura de sustentação de ferro que abrigava o *Laboratorio Libera-Mente*³ onde o principal objetivo era criar um livro. As atividades se concentram no sábado e no domingo das 16h30 às 18h, não abarcando a totalidade do tempo em que a Vetrina esteve aberta ao público. Todas crianças podiam entrar no espaço (“acompanhado de um adulto” e “trazendo um amigo” para brincar) e lá encontravam monitores (adultos) que ajudavam-nas a entender a proposta. Na tenda havia todo tipo de material de papelaria (papel, cartolina, caneta, lápis de cor, cola, tinta, tesoura...), materiais recicláveis (lata, papel, papelão, plástico) e muitas coisas encontradas na natureza (sementes, folhas, galhos, pedras). Muitos cartazes encontravam-se espalhados pelas paredes, sendo alguns de orientação às crianças e adultos e outros com frases

2 Veja aqui a programação completa: <http://www.uaarfirenze.it/wordpress/wp-content/uploads/2011/10/programma.pdf>

3 A tradução da palavra “laboratorio” do italiano para o português corresponde a “oficina”; e “Libera-Mente” é um jogo de palavras que corresponderia a algo como “Liberta-Mente” ou “Livre-Mente” em português.

de incentivo à atividade ou vinculadas à educação.

Conversando com os monitores soube que a ideia era que eles fizessem o mínimo de intervenções possíveis, estando ali para manter a segurança dos/das participantes (já que estavam disponíveis materiais perigosos) e para ajudar quem lhes pedisse ou procurasse diretamente. O espaço e a proposta de itinerário dentro do laboratório era, em geral, auto-explicativo por conta dos cartazes e, em especial, de uma lousa na entrada que apresentava as “Instruções para construir um livro”, a qual vale a transcrição/tradução livre: “1- Escolha uma capa dura/de papelão; 2 – Pegue pelo menos 3 páginas da mesma medida que a capa; 3 – Amarre as páginas à capa com barbante, lã, etc.; 4 – Escolha 1 ou 3 objetos para colar ao livro; 5 – Crie em torno do objeto escolhido um cenário com os materiais à disposição. Pode colar, amarrar ou pintar; 6 – Pode escrever, desenhar ou colar palavras e letras dos jornais; 7 – Assine sua obra-prima; 8 – Para amarrar você deve primeiro furar com pregos e martelo sobre a tábua de madeira. USE A SUA FANTASIA.”

A proposta pedagógica presente no espaço era que cada criança soltasse a imaginação e que pudesse se tornar autora de seu próprio livro, inserindo num papel/papelão “vazio” suas ideias, desejos, histórias e estórias, aportando

no processo de “fazer para brincar e brincar para fazer” seus conhecimentos intelectuais, artísticos e estéticos, bem como suas habilidades manuais. Nos cartazes notamos também indicações de comportamentos desejáveis no espaço (“valorizar o indivíduo”, “superar a imagem estereotipada”) que denotam uma intenção moral dos educadores libertários italianos e palavras de cunho filosófico, subjetivo ou vinculados à sentimentos, como “liberdade”, “emoção”, “casualidade”, “sensação”, etc.

O “Liberatorio” da VI Vetrina dell’editoria anarchica e libertaria (Firenze, Itália, 2013)

Em 2013, na sexta edição da mesma Vetrina em Firenze, tivemos a oportunidade de acompanhar mais uma vez as atividades voltadas para as crianças que aconteceram durante os dias 4 e 6 de outubro no mesmo teatro. Na entrada do espaço para crianças havia um cartaz escrito “Laboratori” (oficinas). Na programação do evento apareciam como “Oficinas para adultos e crianças” e tinham datas e horários determinados: sábado e domingo das 15h30 às 18h (uma ampliação de 1 hora em relação à edição anterior). Como atividades propostas constavam três: “Meu Sonho, um sinal de liberdade”; “Laboratorio-Liberatorio” e

“Truccabimbi”. Este último, trata-se de pintura facial ou produção de máscaras com pinturas para crianças e não tivemos a oportunidade de acompanhar a sua realização. A primeira atividade também não vimos acontecer, pois novamente a Biblioteca esteve presente expondo seus materiais e realizando o debate “Grupos de Estudos e Espaços Autônomos: Práticas Contemporâneas de Educação Anarquista”. Por fim, acabamos, novamente, visitando o Laboratorio.

A proposta se assemelhava ao realizado na edição anterior, mas ao conversar com algumas educadoras notamos que havia forte influência de pedagogos e educadores que não se filiavam à corrente anarquista. Dessa vez, em que pese similaridades de materiais e de frases estampadas nos cartazes, o grupo de educadores parecia ser outro, muito próximo do que conhecemos como “arte-educação”. Havia muito mais informações sobre pedagogia em geral (Dewey, por exemplo), e mais destacadamente a pedagogia libertária (Kropotkin, La Ruche, entre outros), demonstrando a intenção em relação ao caráter educativo e de propaganda das ideias e práticas que ali se realizaram. Outros cartazes continham trechos de textos de diversos autores reunidos sob o título “Pensamento Pedagógico Libertário”. Também aqui o jogo de palavras apa-

receu: “Laboratorio” aparecia ao lado de “Liberatorio”.

Na *VI Vetrina* houve uma novidade: atividades para professores, propostas por um grupo chamado *Sprofessori*⁴, um coletivo de “crítica à escola” e por uma educação antiautoritário e autogestionária. O mais interessante é que além de se oporem ao sistema escolar o coletivo propõe e constrói novas formas de ensino, produzindo (muitas vezes juntos aos estudantes ou até mesmo tomando propostas dos próprios estudantes) novos materiais didáticos. Em conversa com um membro do grupo obtivemos grandes informações e algum material sobre proposta de jogos e brincadeiras para o aprendizado de matemática que nos pareceram realmente inovadores e radicais. Além de estarem com uma banca de materiais em exposição na Vetrina, realizaram durante o evento, conforme consta na programação, “jogos de tabuleiro” e a produção de uma história em quadrinhos “contra a escola”.

Notamos uma preocupação maior dos organizadores (ao mesmo tempo que um aumento de produção literária e a presença de grupos e indivíduos interessados/preocupados) com o tema da educação libertária em seus aspectos práticos.

4 Conheça mais sobre esse interessante coletivo em <http://sprofessori.noblogs.org/>

Espaços para crianças nas Feiras Anarquistas



Laboratorio Libera-mente: oficina de criação de livros (Firenze, 2011).



Crianças fazendo seus livros (Firenze, 2011)



Livro feito por uma criança no Laboratorio Libera-mente (Firenze, 2011)



Espaço Laboratorio Liberatorio (Firenze, 2013)

Espaços para crianças nas Feiras Anarquistas



Materiais disponíveis para as crianças trabalharem (Firenze, 2013)



Pintura facial com Mimulus no Primeiro de Maio (Barcelona, 2012)



Desenho coletivo com Mimulus no Primeiro de Maio (Barcelona, 2012)



Primeiro de Maio mais alegre com Mimulus no Primeiro de Maio (Barcelona, 2012)

Espaços para crianças nas Feiras Anarquistas



Leitura no youth space na Anarchist Book Fair (Londres, 2013)



Criança fazendo stencil na Anarchist Book Fair (Londres, 2013)

Atividades infantis em plena rua (Barcelona, Espanha, 2012)

A *VIII Mostra dell Llibre Anarquista* de Barcelona ocorreu entre os dias 26 de junho e 1º de julho de 2012 em plena Rambla de Raval, calçada histórica e atualmente turística no antigo “barrio chino”. Alguns membros da Biblioteca Terra Livre estiverem presentes com um poste de materiais em meio a outros grupos e coletivos de várias partes da Espanha e de outros países. Na Feira não havia uma programação especial para crianças que abarcasse todo o período do evento e nem um espaço específico e fixo para que as crianças pudessem brincar ou participar de atividades voltadas para sua idade e necessidades. A única atividade “infantil” foi uma oficina de ilustração realizada por Kim Amate, ilustradora do ótimo livro *L'Abella de Més* (“A Abelha a Mais”) de autoria de Andrés Pi Andreu e lançado pela Editora Takatuka¹, um selo editorial libertário (vincula do à Virus Editorial) voltado para o público infanto-juvenil. Sob o título de “Iguais ou Diferentes?”, a atividade ocorreu num misto de contação da história, que se passa em uma colméia de abelhas, e oficina com as poucas crianças que havia no local e se estendeu como após o fim

1 Para saber sobre os títulos da Takatuka acesse: <http://www.takatuka.cat/>

da atividade, mais ou menos como um espaço informal onde crianças brincavam, descansavam e comiam.

Outra oportunidade que pudemos observar atividades para crianças em eventos anarquistas (para além das feiras anarquistas) foi durante o festival e manifestação em memória ao Primeiro de Maio de 2012, também em Barcelona. A CNT, em unidade com outros grupos anarquistas, organizaram um grande evento no Parc de les 3 Xemeneies, em meio ao bairro de Poble Sec, local simbólico para o movimento operário barcelonês, pois foi ali onde existiu La Canadencia, uma fábrica que havia naquele local (por isso o nome de “Três Chaminés”) palco da Greve Geral de 1919 e onde se conquistou pela primeira vez a jornada de 8 horas de trabalho. Houve recital de poesias, palestras sobre anarcossindicalismo, exposições de cartazes e sobre os acontecimentos da Greve Geral de 29 de Março (29M), ocorrida meses antes e que teve uma gigantesca adesão e repercussão. Após uma passeata pelo bairro do Raval a atividade se encerrou com a degustação de uma paella coletiva. Entre as atividades do dia houve a presença de um coletivo de educadores libertários que trabalham há anos para fundar uma escola livre e vêm acumulando recursos didático-pedagógicos e financeiros. Realizam atividades recreativas pro-

fissionalmente para ter algum recurso para o projeto, mas não é uma animação de crianças comum. Vestem-se com roupas de milicianas/os da revolução espanhola e narizes de palhaços. Pretendem propor brincadeiras e jogos com um caráter histórico, libertário e pedagógico. Trata-se de um grupo de animação infantil chamado Mimulus², projeto autogerido formado por pessoas vinculadas ao Centre de Recursos Pedagògics Llibertaries “Josefa Martín Luengo”³. O grupo oferece oficinas “criativas e não-competitivas” e atividades infantis (pintura de rosto, fabricação de instrumentos e bijuterias com material reciclado, etc) e um espetáculo de música e dança, com cenas do cotidiano, revitalizando canções populares sem seus conteúdos sexistas. Todo o recurso adquirido com esse trabalho é destinado para o projeto de criação de escolas autogeridas e libertárias. O grupo dedica-se aos estudos e preparação para professores através de formações periódicas, edita uma revista intitulada *Educere* e mantém uma biblioteca.

2 Mimulus, o grupo libertário de animação infantil: <http://www.pedagogialibertaria.org/mimulus-animacions-infantils/>

3 Site do CRPL: <http://www.pedagogialibertaria.org/>

Bebês, Crianças e Adolescentes na Anarchist Book Fair (Londres, Inglaterra, 2013)

A mais antiga (desde 1983) e talvez uma das maiores feiras do livro anarquista do mundo ocorre todos os anos em Londres. O espaço escolhido para abrigar tantos expositores e tantas atividades simultâneas foi a Queen Mary University. Lá a Feira ocupa um prédio inteiro de três andares e a previsão de público, em 2013, girou em torno de 3 mil pessoas em um único dia de evento (27 de outubro). Durante a Feira encontramos diversos grupos e projetos educativos interessantes, publicações, bem como ocorrem muitas atividades (videos, debates, oficinas) que se relacionam, direta ou indiretamente, com a perspectiva anarquista de educação. A Biblioteca Terra Livre esteve presente apresentando seus materiais e experiências. Tinha tanta coisa interessante que, infelizmente, não caberia descrevê-las neste artigo. Porém, no que diz respeito aos espaços dedicados para as crianças temos algo a apresentar.

Os espaços eram divididos em três salas, sendo que cada uma correspondia a uma idade específica, ou melhor dizendo, uma fase da vida pré-adulta: havia a “creche” para crianças de 2 a 8 anos; a “older kids space”, dedicado às “crianças mais velhas”; e, finalmente,

o “youth space”, ou literalmente “espaço para a juventude”. Cada um desses ambientes possuía grupos ou pessoas específicas responsáveis e programações e atividades completamente diferentes e independentes.

Na “creche” não nos sentimos à vontade para entrar (muito menos fotografar, por motivos óbvios), em especial por haver um aviso que crianças menores de 2 anos só seriam admitidas com a presença em tempo integral dos pais/mães ou responsáveis. Mas olhamos pelo vitrô da porta e nos pareceu um típico espaço de cuidado para bebês e crianças pequenas. No momento havia poucas crianças e uma pessoa responsável por todas.

A sala para as “older kids” pareceu muito interessante, pois ali havia uma série de atividades sendo realizadas e não somente brinquedos e espaços para cada criança ou grupo se divertirem e passarem o tempo enquanto mães e pais circulavam pela Feira. Sim, havia brinquedos e possibilidade de estar lá “sem fazer nada”, apenas aproveitando dos materiais que estavam disponíveis por toda a sala. Mas notamos também que na ampla sala de aula transformada em espaço pedagógico libertário havia espaços e materiais que tinham uma intencionalidade e que os monitores voluntários (chamemos-os assim) estavam à disposição para ajudar quem quisesse realizar alguma/as

atividade/s específica/s. Acompanhamos, por exemplo algumas crianças entre 8 e 13 anos produzindo estampas em camisetas utilizando a técnica do stencil. Com acompanhamento e orientação dos monitores, quando necessária e solicitada, as crianças desenhavam, cortavam, pintavam e, ao final, expunham suas camisetas num varal enquanto sacava a tinta e depois levavam sua produção para casa. As estampas que vimos carregavam um cunho político muito explícito e ostentavam vasta simbologia anarquista.

Já o “youth space” tinha outro visual, muito mais enfeitado com cartazes e luzes brilhantes e coloridas. Havia uma mesa cheia de “guloseimas” (“anarcho-cup-cakes”), frutas, chá e café, tudo à disposição para todas as pessoas com sugestão de contribuição voluntária. Numa outra mesa estavam os materiais de propaganda anarquista propriamente ditos: livros, panfletos, adesivos e bottoms. Essa sala estava sob responsabilidade do *Wildcat Arts Collective*⁴, um grupo de artistas das mais variadas áreas que se dedicam a organizar eventos culturais e artísticos com comédia, música, poesia, etc. A programação do dia, voltada para jovens entre 11 e 16 anos, tinha exibição de filmes raros, oficina de Circuit Bending e leituras de livros

4 Site do grupo inglês Wildcat Arts Collective: <http://www.wildcat-arts-collective.org.uk/>

autorais de escritores de ficção científica, poesia e histórias infanto-juvenis de cunho libertário.

Palavras finais

Um olhar panorâmico para os espaços para crianças descritos anteriormente aponta para a diversidade de práticas, influências e percepções sobre as atividades pedagógicas em grandes eventos anarquistas. Mas em meio às diferenças e especificidades, notamos as semelhanças: a compreensão de que a infância é uma fase especial e específica da vida que deve ser vivida em sua plenitude, respeitando-se as fases de desenvolvimento da criança, tal qual já apontaram Proudhon, Robin e Faure; a busca por integrar trabalhos manuais com trabalhos intelectuais, concretizando as propostas de educação integral, entendida como o pleno desenvolvimento físico, moral e intelectual das crianças, formuladas, por exemplo, nas obras de Bakunin e Kropotkin e implementado no Orfanato de Cempuis. Vimos que há uma grande gama de iniciativas educativas anarquistas contemporâneas que valem a pena serem mais conhecidas e, quem sabe, emuladas em suas práticas mais bem sucedidas e que possam servir, com as devidas adaptações, a outras realidades. Mas em essência o que se busca com esses espaços para e de

crianças nas Feiras Anarquistas é servir de laboratório para práticas pedagógicas livres e libertárias, produzindo e testando atividades e materiais livres de preconceitos e autoritarismo, visando a transformação do sujeito, seja qual for sua idade, em produtor do próprio destino. Que todas e todos sejam autores de suas próprias vidas e possam aprender novos valores em meio ao movimento anarquista, nos espaços autônomos, nas manifestações de rua e, até quem sabe, em escolas libertárias!

No Brasil, mais especificamente em São Paulo, o Laboratório de Educação Anarquista (LEA)⁵ vem trabalhando no mesmo sentido que os anarquistas de outros países. Desde 2013 existe o Espaço Adelino de Pinho⁶ na Feira Anarquista de São Paulo, com programação de atividades, jogos e bricadeiras para crianças, mas totalmente integrada e conectada com as ideias anarquistas em educação dos

5 Saiba mais sobre o LEA e acompanhe as atividades, bem como as sistematizações de práticas pedagógicas e a utilização de jogos ou materiais educativos numa perspectiva anarquista através do site: <https://leanarquista.wordpress.com/> ou na página do Laboratório pelo facebook

6 Homenagem ao diretor da Escola Moderna N° 2 de São Paulo. Para maiores informações consultar o livro “Pela educação e pelo trabalho e outros escritos” publicado pela Biblioteca Terra Livre e os trabalhos recentes de Vitor Ahagon sobre a vida e obra desse operário, educador e militante anarquista.

autores clássicos e de experiência contemporâneas. Trata-se de uma prática digna de ser conhecida e difundida, mas que não cabe sua descrição no presente artigo, pois não seria possível realizá-la sem um esforço coletivo e detalhado sobre esse belíssimo e importantíssimo trabalho militante dentro do campo da educação anarquista.

Rodrigo Rosa é membro da Biblioteca Terra Livre e do Laboratório de Educação Anarquista (LEA).